

# Anos de aprendizagem de um jurista formado “numa perspectiva histórica”: Max Weber e o historicismo\*

Apprenticeship from a jurist with a historical education: Max Weber and historicism

---

## Sérgio da Mata

Professor Adjunto  
Universidade Federal de Ouro Preto  
sdmata@ichs.ufop.br  
Rua do Seminário s/n  
35420-000 - Mariana - MG  
Brasil

---

## Resumo

São ainda raros os estudos sobre a trajetória intelectual de Max Weber entre o início de seus estudos universitários em Heidelberg (1882) e a publicação de sua tese de doutoramento sobre as companhias de comércio medievais (1889). Através da análise da sua correspondência, este artigo pretende demonstrar a importância de historiadores como Erdmannsdörffer, Baumgarten, Ranke e Treitschke para o jovem jurista Weber e como sua formação inseriu-se, plenamente, nos quadros da tradição historicista da época.

## Palavras-chave

Max Weber; Historiografia alemã; Historicismo.

## Abstract

There are only few studies on Max Weber's intellectual biography between the beginning of his undergraduate studies in Heidelberg (1882) and the publication of his doctoral dissertation on medieval commercial partnerships (1889). Through the analysis of his correspondence, this article seeks to demonstrate the importance of historians like Erdmannsdörffer, Baumgarten, Ranke, and Treitschke for the young lawyer and how his early intellectual development occurred under the strong influence of the historicist tradition.

## Keywords

Max Weber; German historiography; Historicism.

64

---

Enviado em: 14/03/2011

Aprovado em: 28/03/2011

---

\* Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa realizada em arquivos e bibliotecas em Erfurt, Frankfurt an der Oder, Berlim e Munique. Agradecemos ao CNPq, à FAPEMIG (Programa Pesquisador Mineiro), ao convênio CAPES-DAAD e à Fundação Alexander von Humboldt pelo apoio financeiro.

## Introdução

Desde há vinte e cinco anos, os estudiosos da obra de Max Weber perceberam que a forma de lançar uma nova luz ao seu respeito, nada tem em si, de nova: a adoção de um procedimento rigorosamente histórico-crítico. Talvez haja nisso uma pequena ironia do destino: embora a sociologia reclame para si o privilégio de ter em Weber um dos seus “fundadores” (o que é discutível sob inúmeros pontos de vista), a moderna *Weberforschung* nada tem de “sociológica”. Na atualidade, os estudos weberianos de ponta são, essencialmente, estudos de história intelectual.

Não por acaso, os historiadores assumiram, nos últimos anos, um lugar de destaque nos estudos weberianos. Basta lembrar os nomes de Wolfgang Mommsen, Gangolf Hübinger, Rita Aldenhoff-Hübinger, Hinnerk Bruhns, Hartmut Lehmann, Jürgen Deininger, Wilfried Nippel, Fritz Ringer e Peter Ghosh. Trata-se de um interesse que se diria quase natural, uma vez que Max Weber sempre levou a história e os historiadores a sério. Seja numa acepção lata, seja numa estrita, o jurista de formação sempre foi, também, historiador.

A esta constatação, seguem-se as nossas questões propriamente ditas neste texto: desde quando se manifestou em Max Weber o interesse pela história? Que historiadores marcaram sua formação? De que maneira ele se relacionou com as reconfigurações do campo historiográfico de sua época? Enfim, e mais importante: teria Weber, antes dos seus notáveis estudos publicados entre 1903 e 1906, inserido-se justamente naquela tradição que, na visão de muitos intérpretes, ele teria ajudado a implodir – a tradição historicista?<sup>1</sup>

Antes de tentar responder algumas destas perguntas, um rápido *flash back*: em 1984, eram publicados os primeiros volumes da edição crítica das obras de Weber, a *Max Weber Gesamtausgabe* (MWG). Este acontecimento representou um verdadeiro divisor de águas para os *Weber Studies*. A rigor, pode-se dividir a história dos estudos weberianos em uma fase pré-MWG e em outra pós-MWG. Em 1986, apareceria o volume contendo a tese de livre-docência de Weber, dedicada à história agrária de Roma. Apesar do cuidadoso trabalho de edição feito por Jürgen Deininger, as pesquisas sobre o “primeiro Weber” não foram catapultadas de imediato. Uma das razões para isso está na estratégia de edição da correspondência de Weber no âmbito da MWG, que somente agora está a contemplar o período anterior a 1906.<sup>2</sup>

Até há bem pouco tempo, o “primeiro Weber”, tradicionalmente, não despertava o interesse dos pesquisadores. Eram poucos os que, como Scaff (1984), sentiram-se compelidos a reconstruir os passos de Weber “antes da

---

<sup>1</sup> Exemplar desta tendência a des-historicizar Weber é o livro de Colliot-Thélène (1995). Tal atitude marca também a produção alemã da década de 1990; continuava-se a omitir o que ele escreveu antes de 1903, vale dizer: tudo aquilo que melhor permite perceber sua *dívida* em relação ao historicismo. Os livros de Jaeger e Rüsen (1992), Oexle (1996), Choi (2000) e Hidas (2001) não escaparam à regra.

<sup>2</sup> Estratégia que os atuais editores admitem ter sido equivocada.

sociologia weberiana”. Este quadro começou a alterar-se com a publicação, em 2003, da excelente introdução de Lutz Kaelber (2003, p. 1-47) à tradução norte-americana de tese de doutoramento de Weber e do livro de Wilhelm Hennis (2003) sobre Weber e Tucídides.<sup>3</sup> Em 2008, veio a lume o tomo da MWG com a tese de Weber.<sup>4</sup> Com isso, passamos a dispor de um melhor arsenal crítico para enfrentar o desafio de reconstruir os seus anos de aprendizagem.

Antes de um “primeiro Weber”, houve um “jovem Weber” a respeito do qual pouco se escreveu. Será este o nosso ponto de partida.

### **Retrato de um sociólogo quando jovem?**

O interesse de Weber pela história manifestou-se desde muito cedo. O que não era propriamente uma originalidade, em vista da tradição neo-humanista do sistema educacional prussiano (RINGER 2000). Como a maior parte de seus colegas, Weber teve de passar pelas obras de Heródoto, Tucídides, Tito Lívio e Cícero. Em suas cartas, revela também seu gosto pela leitura de romances históricos, em especial os de Walter Scott, Willibald Alexis e Gustav Freytag.<sup>5</sup> Dos historiadores contemporâneos, leu a enorme *História da Grécia* de Ernst Curtius, a *História de Roma* de Theodor Mommsen e o primeiro volume da *História da Alemanha* de Heinrich von Treitschke. Para estas leituras, seguramente, contribuiu o fato de que alguns dos intelectuais de maior prestígio da Berlim daquele tempo frequentavam a casa dos Webers: o patriarca firmara amizade com Treitschke já em sua época de estudante em Göttingen. Quanto a Mommsen, seu filho Karl era um de mais próximos amigos de Max. Wilhelm Dilthey e Heinrich von Sybel eram dois outros que a política havia aproximado de seu círculo familiar (ROTH 2001, p. 373-379).

Não causa surpresa, portanto, que entre 1877 e 1879, Max tenha dedicado-se à redação de três ensaios históricos: “Sobre o processo da história alemã, com especial atenção às posições do Imperador e do Papa”; “Sobre o período imperial de Roma, de Constantino às migrações” e “Observações sobre o caráter, desenvolvimento e história das populações nas nações indogermânicas” (WEBER 1989, p. 49).

---

<sup>3</sup> A dívida dos estudos weberianos para com Hennis está longe de ser pequena, e há que dizer que foi ele, um cientista político, quem deu o passo decisivo no sentido da historicização que reclamamos aqui. Mas uma apreciação cuidadosa de seus livros demonstra também sua forte tendência a estabelecer juízos definitivos com base em um número insuficiente de indícios, bem como de ignorar evidências claras e numerosas que falem em sentido contrário às suas teses. É o caso, sobretudo, da sua construção da imagem de um Weber “nietzscheano” e “des-neokantianizado”, e que acabou contaminando os trabalhos de intérpretes como Oexle (1996) e Radkau (2005), entre outros. A este respeito, ver a veemente, e a nosso ver correta, crítica de Schluchter (1995).

<sup>4</sup> MWG I/1.

<sup>5</sup> Ressalte-se que o epistolário de Weber é empregado aqui apenas como uma *fonte* em história da historiografia e em história intelectual, o que não quer dizer que tais disciplinas não tenham o que ganhar com o que Salomon (2010) recentemente designou arquivologia das correspondências. As cartas são menos o veículo do que Simmel acreditava ser uma “sociologia do segredo” (pois sabemos que nem sempre elas eram escritas para permanecer em sigilo) do que uma modalidade de gênero comunicativo.

O ginásio também demonstrava familiaridade com alguns dos clássicos da historiografia greco-romana e, mais que isso – algo perdoável para um garoto de 14 anos –, chega ao ponto de censurá-los por ignorarem as boas regras do método. Além de desatento às “causas internas dos eventos”, Heródoto não seria “crítico” o suficiente. Seu estilo narrativo, “totalmente poético”, parece-lhe inadequado. Quanto a Tito Lívio, o julgamento é ainda mais duro. Weber afirma que, embora “tenha vivido quatrocentos anos depois de Heródoto, [Tito Lívio – SM] tem os mesmos defeitos, mas não as mesmas qualidades. Ele é igualmente um mau crítico; creio ser difícil determinar como e quais fontes utilizou”.<sup>6</sup>

Um ano depois, Weber parecia seduzido pela historiografia para lá de engajada de Treitschke, o controvertido sucessor de Ranke em Berlim: “Acima de tudo”, escreve ele em carta ao primo Fritz Baumgarten, “estou lendo o primoroso livro de Treitschke sobre a história alemã no século XIX, é para mim um verdadeiro prazer”. Weber afirma tratar-se de um livro “muito difícil” e que “é preciso um esforço à altura (*man muss sich gehörig anstrengen*) a fim de compreender o contexto: isso vale principalmente para a primeira parte, na qual há uma concisa visão geral da história da Alemanha até a Paz de Westfália”.<sup>7</sup>

É significativo o entusiasmo do jovem Weber por esta obra, que, lançada naquele mesmo ano, obtivera enorme sucesso e convertera-se no que um observador chamou de “o livro preferido dos patriotas” alemães.

67

Neste ínterim, Weber conclui o ginásio e segue para Heidelberg, disposto a seguir a carreira jurídica do pai. Por que razão optou por esta pérola do Sudoeste alemão? É evidente que além da fama de que já gozava sua universidade em toda a Alemanha,<sup>8</sup> Heidelberg era, por assim dizer, o seu destino natural: de lá viera a família de Helene Weber, ali vivia ainda sua tia Henriette Hausrath, irmã de sua mãe, ali passara ele muitas de suas férias na infância, ali estudava seu primo Otto Baumgarten (ROTH 2001, p. 197-199).

As cartas enviadas por Weber aos seus pais permitem-nos reconstruir parcialmente o que então atraía o jovem estudante universitário. Uma dada disciplina só parece interessá-lo quando é abordada numa perspectiva histórica. Evidência disso é o fato de que as preleções sobre doutrina do direito romano de Otto Karlowa mal são mencionadas, enquanto que o curso de Ernst Immanuel Bekker sobre a história do direito romano é lembrado mais de uma vez em suas cartas.<sup>9</sup> Ainda assim, o curso é criticado “porque não é história, mas, em

<sup>6</sup> Carta de 2/09/1878 a Fritz Baumgarten (JB, p. 11). Cf. também Marianne Weber (1989, p. 55).

<sup>7</sup> Carta a Fritz Baumgarten, 11/10/1879 (JB, p. 29).

<sup>8</sup> Segundo Erich Marcks (1911, p. 332-333) na década de 1870 os historiadores de Heidelberg rivalizavam em qualidade e fama com os de Berlim.

<sup>9</sup> Weber reclama por ter de assistir às aulas de Bekker logo depois das de Karlowa. Segundo o *Vorlesungsverzeichniss* da universidade daquele semestre, o curso diário de Karlowa ia das 9:00 às 11:00h e das 12:00 às 13:00h; o de Bekker, também diário, das 10:00 às 11:00h. Significa dizer que Weber assistia apenas a primeira metade da aula de Karlowa pela manhã, a fim de poder acompanhar o curso de Bekker. Difícilmente, buscava recuperar a hora perdida na sessão verpertina da preleção do primeiro, uma vez que no mesmo horário (12:00-13:00h) frequentava o curso de Erdmannsdörffer sobre a “História da era das revoluções”. Cf. *Anzeige der Vorlesungen welche im Sommer-Halbjahr 1882 auf der Grossherzoglich Badischen Ruprecht-Carolinischen Universität zu Heidelberg gehalten werden sollen*. Heidelberg: Karl Gross, 1882, p. 4 e 11.

primeira linha, uma exposição do processo civil e criminal com poucos *intermezzos* histórico-jurídicos” (JB, p. 41). Em carta à mãe, escrita em 22 de junho de 1882, Weber se diz alegre porque Bekker concluiu a parte sobre doutrina processual e “finalmente [...] começou a história do direito propriamente dita, pela qual eu já esperava há muito” (JB, p. 57). De Kuno Fischer, assiste às preleções sobre “Lógica e metafísica ou doutrina da ciência”, e aprecia de modo especial a seção dedicada à história da lógica (JB, p. 41-42).<sup>10</sup>

Três historiadores tornam-se extremamente importantes para o estudante de direito Max Weber: Bernhard Erdmannsdörffer (Heidelberg), Hermann Baumgarten (Estrasburgo) e Heinrich von Treitschke (Berlin).

Os cursos de Bernhard Erdmannsdörffer em Heidelberg deixam-no entusiasmado.<sup>11</sup> Em seu primeiro semestre, Weber assiste a suas preleções sobre a “História da era das revoluções (1789-1815)” e elogia o tratamento “minucioso e exaustivo” dado ao tema (JB, p. 46-47). No semestre seguinte, participa com dois outros colegas de um seminário com Erdmannsdörffer, em que fazem a crítica da historiografia moderna. A Weber coube a apresentação de um trabalho em que colocou à prova a fidedignidade dos relatos de Samuel von Pufendorf “com a utilização de documentos”. “Estou ansioso para saber como será a coisa”, diz à mãe antes da sua apresentação (JB, p. 63). Em fevereiro de 1883, encontramos-lo empenhado na conclusão do trabalho escrito do seminário, que classifica como “muito interessante, especialmente porque agora Erdmannsdörffer também está tratando do Renascimento – são as mais agradáveis horas da semana”.<sup>12</sup> Weber deve a estes encontros o seu primeiro contato com a obra de Ranke, a respeito do qual teceu o seguinte comentário:

Eu me aprofundi na leitura de diversos escritos de Ranke, precisamente os seus dois primeiros: *Histórias dos povos latinos e germânicos* e *Para a crítica dos historiadores modernos*, sendo o último um conhecido clássico (*Standardwerk*). Ambos têm um estilo tão peculiar que a princípio eu não os queria ler, e se eu não conhecesse os fatos não estaria em condição de compreendê-los. Sua linguagem lembra a do *Werther* ou do *Wilhelm Meister*. Infelizmente, estas duas obras, especialmente a segunda [de Ranke - SM], praticamente não são mais lidas (JB, p. 63-64).

Por sorte, os exemplares destes dois livros foram preservados e encontram-se, hoje, sob a guarda do *Max-Weber-Arbeitsstelle* da Academia de Ciências da Baviera, em Munique. Não obstante, sejam pouco numerosos os trechos grifados, a maior parte concentra-se, precisamente, no famoso prefácio

<sup>10</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>11</sup> Um dos mais diletos alunos de Droysen (agradecemos a Arthur Assis por esta informação), Erdmannsdörffer também exercera forte influência sobre Eberhard Gothein, que, alguns anos antes, estudara em Heidelberg e viria a ser o sucessor de Weber na cátedra de economia política após sua demissão (MAURER 2007, p. 8). O epistemólogo e economista político Friedrich Gottl-Ottlilienfeld, pelo qual Weber repetidas vezes expressou forte admiração, também se dizia discípulo de Erdmannsdörffer (GOTTL 1901, p. ii).

<sup>12</sup> Carta de 12/02/1883 (JB, p. 66).

às *Histórias dos povos latinos e germânicos*. Dos trechos grifados ou sublinhados por Weber, eis os que parecem mais relevantes para a formação da sua visão a respeito do trabalho histórico:

Do propósito e do material (*Stoff*) emerge a forma. Não se pode demandar de uma obra de história a liberdade de composição (*freie Entfaltung*) que ao menos a teoria busca em uma obra poética, e não sei se alguém possa estar com a razão quando crê ter encontrado tal liberdade na obra dos mestres gregos e romanos. A exposição rigorosa dos fatos, por muito condicionados e carentes de beleza que sejam, é, indubitavelmente, o mandamento supremo. [...] Há para eles [os diversos modelos de historiografia - SM] um sublime ideal: o do evento em si mesmo, *em sua compreensibilidade humana, em sua unidade, em sua plenitude* (RANKE 1874, p. vii-viii).<sup>13</sup>

Que as lições do velho Ranke tiveram um valor duradouro para Weber, inclusive em sua fase intelectualmente mais madura, é algo que se atesta com relativa facilidade em seus ensaios de 1903 e 1904, respectivamente sobre o método histórico de Wilhelm Roscher e sobre a "objetividade" (WEBER 1988, p. 3-42, 214).<sup>14</sup>

Voltemos ao nosso jovem estudante de direito. Em um balanço de suas atividades, diz "ter aprendido bastante no seminário de Erdmannsdörffer, especialmente no campo do método histórico". E elogia a estratégia deste professor de apresentar aos alunos a literatura histórica mais recente, o que lhe permitiu informar-se sobre as polêmicas em que se envolveu o historiador ultramontano Johannes Janssen, as escolas históricas inglesas "e os seguidores de Buckle" (JB, p. 71).

Nesta época, Weber viajava frequentemente a Estrasburgo, onde lecionava seu tio, o historiador Hermann Baumgarten, casado com sua tia Ida (irmã de Helene Weber). Ele encontrara na companhia dos tios e dos primos Fritz, Otto e Emmy uma espécie de segunda família. A ascendência intelectual, religiosa e política dos Baumgarten sobre Weber é amplamente reconhecida.<sup>15</sup>

### **Entre Heidelberg, Estrasburgo e Berlim**

Em fins de 1882, portanto ainda no seu primeiro na universidade, tem início uma polêmica entre Hermann Baumgarten e Treitschke, a propósito do segundo volume da *História da Alemanha*, de autoria deste último.<sup>16</sup> Terá esta

---

<sup>13</sup> O trecho destacado em itálico foi sublinhado a caneta por Weber.

<sup>14</sup> Esse se confrontar com o pensamento de Ranke não cessou sequer quando Weber transferiu-se para Munique, pouco antes de sua morte, já como um sociólogo assumido (HANKE & HÜBINGER 2001, p. 323-335).

<sup>15</sup> A esse respeito, ver os livros de Marianne Weber (1989, p. 86ss) e Wolfgang Mommsen (1990, p. 4-5). Sobre a importância de Baumgarten como espanista, cf. Sanchez-Blanco (1987).

<sup>16</sup> Poucas historiografias nacionais são tão ricas no quesito "polêmica" quanto a alemã, a ponto de a raiz *-streit* ter se tornado uma constante no campo intelectual deste país. Tal "belicosidade", que tanto incomodou Marc Bloch nos livros do medievalista de Georg von Below, é provavelmente (Popper decerto subscreveria esta hipótese) um dos segredos da vitalidade da historiografia alemã daquela época. Em um livro que merece atenção, Seneda afirma que as polêmicas científicas eram um "método de estudo" para Weber (SENEDA 2008, p. 33). Trata-se, antes, de uma longa *tradição* na qual estava inserido. Nos últimos anos, o estudo das polêmicas historiográficas adquiriu dignidade científica: cf. o volume organizado por Elvert e Kraub (2003).

polêmica contribuído de alguma forma para que Weber assumisse para si, como missão, o preceito da “neutralidade axiológica”? É que Baumgarten voltava-se, sobretudo, contra o que chamou de “pronunciada subjetividade” do livro de seu antigo amigo Treitschke. Em uma série de três artigos publicados na *Cottasche Allgemeine Zeitung*, no início de dezembro de 1882, Baumgarten afirmou que Treitschke estava para a Prússia assim como a historiografia ultramontana para o Vaticano. A história deixava de ser “um fim em si mesmo” para se tornar apenas “um meio”. Treitschke não se furtaria às paixões do momento, “como é a tarefa do historiador”. Baumgarten acusa-o de empregar apenas fontes de arquivos prussianos mesmo para épocas em que a Áustria tivera muito maior expressão no plano internacional, dando ainda as costas aos arquivos de Munique e Stuttgart. Sua obra deveria ser chamada antes uma história da Prússia do que uma história da nação. Faltaria ao sucessor de Ranke em Berlim “um amor imparcial à verdade” e “justiça ao estabelecer juízos” (BAUMGARTEN 1883, p. v-vi).

Em 15 de dezembro, Weber escreve à sua mãe demonstrando saber da polêmica, mas ainda sem ter lido os artigos do tio. A carta evidencia o entusiasmo tanto de seu pai quanto de seu tio Adolf Hausrath (professor de História da Igreja e exegese do Novo Testamento em Heidelberg) pelo segundo volume da *História da Alemanha*.<sup>17</sup>

A resposta de Treitschke apareceria, naquele mesmo dia, nos *Anuários Prussianos*. Ele se esquivava da acusação de falta de imparcialidade com o argumento de que seu pedido para consultar os arquivos vienenses fora recusado, sem, porém, retrucar a contento todas as fragilidades apontadas por Baumgarten. O debate intensifica-se nas semanas seguintes. Em janeiro, Baumgarten afirma que a visão de Treitschke sobre a relação entre a Prússia e o restante da Alemanha era “tão irresponsável politicamente quanto falsa historicamente”.<sup>18</sup> Enquanto jornais liberais como o *Frankfurter Zeitung* tomavam o partido do historiador de Estrasburgo, justamente Erdmannsdörffer manifestava-se inequivocamente a favor de Treitschke no jornal editado por Gustav Freytag, *Der Grenzboten*.<sup>19</sup> Weber escreve a seu pai na ocasião:

Vocês devem ter lido o artigo de Erdmannsdörffer no *Grenzboten*, em que o tio Hermann é tão duramente atacado. De fato, muito pouco de concreto é demonstrado ali, e ele tem razão apenas quando se volta contra o tom muito agressivo do artigo [de Baumgarten – SM].<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Carta de 15/12/1882 (JB, p. 64).

<sup>18</sup> Apud Biefang (1996, p. 403).

<sup>19</sup> Treitschke escreve a Erdmannsdörffer, em 12/12/1882, dizendo que não teria escrito a *História da Alemanha* caso soubesse que os “discípulos de Gervinus” reagiriam daquela forma; e pede ao amigo que apresente ao público uma “avaliação justa” de seu livro (CORNICELIUS 1920, p. 545-546). Para uma boa introdução à historiografia de Gervinus, ver o estudo de Julio Bentivoglio (2010a, p. 7-22).

<sup>20</sup> Carta de 12/02/1883 (JB, p. 68).

Os demais professores de Heidelberg estariam tomados por um sentimento de “surpresa e indignação”. Weber parece dividido entre o tio e o historiador que o fascinara quando ainda era um adolescente de 15 anos. Ele reprova tanto um quanto o outro pelo tom e pela direção que a polêmica havia tomado.<sup>21</sup>

O *establishment* acadêmico não viu com bons olhos a cruzada de Baumgarten. Eram tempos de efusão nacionalista e, verdade seja dita, Treitschke não era um espírito tão pequeno quanto a historiografia posterior à Primeira Guerra pretendeu que fosse.<sup>22</sup> Já em fins de janeiro, ele recebe a solidariedade de Henrich von Sybel, que qualifica seu livro de “obra-prima”.<sup>23</sup> Em fevereiro, Johann Gustav Droysen escreve a seu filho Gustav que a polêmica ameaçava “jogar nossa historiografia na lama”. Para o autor da *Historik*, “tudo isso é extremamente desagradável, e Baumgarten contribuiu para que uma obra que, mesmo sem ser perfeita, e que, entretanto, foi grandiosamente concebida e fundamentada em ampla pesquisa, perca grande parte de sua influência”.<sup>24</sup>

Em uma memória publicada depois da morte de Treitschke, Adolf Hausrath (o *outro* tio de Weber) afirma que Baumgarten “exigia objetividade absoluta de quem quer que fosse”, não obstante tivesse também os seus “paradoxos”. Quaisquer exageros ou afirmativas mais arriscadas em uma obra histórica eram considerados “insuportáveis” por ele. Baumgarten desenvolvera uma “aversão apaixonada em relação à burocracia prussiana”. Sybel chegara ao ponto de considerar “patológica” sua tendência a condenar moralmente as opiniões contrárias às suas. Para Hausrath (1914, p. 128-130), “ninguém” o considerava um historiador do mesmo nível que Treitschke.<sup>25</sup>

Baumgarten sai do episódio isolado. Ele comete um último erro ao colocar a *Historische Zeitschrift* sob suspeita de favorecer Treitschke na contenda (o que não era exatamente infundado). Os editores teriam suprimido trechos críticos em relação a Treitschke de um artigo de seu amigo e aliado Alfred Stern. No número de julho de 1883, a revista responde publicamente a Baumgarten repudiando suas acusações e afirmando que ele movia uma verdadeira “guerra de extermínio” contra Treitschke. No ano seguinte, uma comissão formada, entre outros, por Sybel, Dietrich Schäffer e Gustav Schmoller concede a Treitschke o prêmio Verdun, o mais importante na área de história

<sup>21</sup> Vale lembrar que, entre 1879 e 1881, Treitschke havia confrontado-se, a propósito da chamada “querela do antissemitismo”, com Theodor Mommsen – um erudito que Weber tinha em altíssima conta. É impossível imaginar que, sendo próximo de ambos e morando na capital do *Reich*, Weber não tenha acompanhado de perto o embate entre os dois gigantes. Sobre o *Antisemitismusstreit*, ver o artigo de Malitz (2005, p. 137-164).

<sup>22</sup> Não estamos certos de que Metz (2005, p. 99) faça justiça a Treitschke quando afirma que ele seria “mais um homem político que um historiador”. Um único trabalho, até onde estamos informados, quebrou o tabu em torno deste autor, normalmente visto pelo prisma de seu exacerbado nacionalismo e suas declarações antissemitas, descobrindo nele também o historiador digno de ser lido: o de Gerhards (2009).

<sup>23</sup> Carta de 22/01/1883 (Cornicelius, 1920, p. 547-548).

<sup>24</sup> Apud Biefang (1996, p. 413).

<sup>25</sup> Ao leitor certamente não terá passado despercebido o quanto este retrato de Baumgarten faz lembrar o Weber das polêmicas com Schmoller nos encontros da Associação para a Política Social, tema que exploramos em outra oportunidade (MATA 2010b).

da Alemanha. Era a bênção oficial que faltava à chamada “Escola Prussiana”.<sup>26</sup> Este fato, acrescido da morte de Ranke, ocorrida apenas dois anos mais tarde, demarca o fim de uma era na história da historiografia alemã.

Em janeiro de 1884, Weber prestava o serviço militar em Estrasburgo, e aproveita a ocasião para assistir a um seminário de Baumgarten: “O seminário do tio continua extremamente interessante para mim; nós ainda nos ocupamos com a crítica dos historiadores franceses, espanhóis, e, sobretudo, dos italianos da época do Renascimento e que dele tratam.”<sup>27</sup>

Em novembro do mesmo ano, de volta a Berlim, ele tem a oportunidade de se ver frente a frente com Treitschke. Weber assiste a sua preleção sobre “Estado e Igreja”, a qual classifica como “propagandística” e “agitadora”.<sup>28</sup> À primeira vista, estas palavras parecem explicar por que Treitschke seria evocado, vinte e nove anos depois, como um exemplo daquele tipo de erudito que Weber (1964, p. 104) considerava incapaz de sacrificar as próprias valorações práticas (“juízos de valor”) em seu trabalho de pesquisa. Todavia, a posição de Weber, na década de 1880, estava longe de ser a mesma que ele defenderia depois de assumir o credo da “neutralidade axiológica”. É como se o estudante de direito, fascinado pela política e também por uma visão especificamente histórica do mundo, tivesse em Ranke e simultaneamente em Treitschke os seus modelos.

Baumgarten, talvez, representasse uma mediação entre estes dois universos antagônicos: vinculado aos historiadores politicamente engajados de sua geração, ele tinha mantido relações com o grupo de Droysen, Treitschke e Sybel (que se impressionara com sua *História da Espanha do início da Revolução Francesa aos nossos dias*). Por outro lado, como Ranke, a quem citava com frequência, Baumgarten não rompera completamente com o “primado da política externa” e mantivera-se fiel ao projeto de investigar cientificamente o passado sem, porém, ter a pretensão de abarcá-lo em sua totalidade (MARCKS 1894).

Em fevereiro de 1884, Weber estava entretido com o livro *La société de Berlin*, da autoria de um certo Conde Vasili. O autor, protegido sob tal pseudônimo, pois certamente se trata de um diplomata estrangeiro, demonstra estar familiarizado com as altas rodas políticas e sociais da capital. No geral, o relato é bastante duro em relação à família real, ao chanceler e aos partidos políticos (a ponto de, afirma Weber, ter sua edição confiscada). Richard Wagner é apresentado como uma espécie de duplo musical de Bismarck. Um dos últimos capítulos, porém, reserva elogios para a ciência alemã. Dificilmente o seguinte trecho passou despercebido a Weber:

<sup>26</sup> Com o recente artigo de Bentivoglio (2010b), de longe a melhor visão de conjunto disponível em língua portuguesa sobre a Escola Prussiana, decretou-se o fim, entre nós, da era das generalizações grosseiras sobre a historiografia alemã do XIX. Nos afastamos de Bentivoglio apenas por sua tendência a incluir historiadores com clara atuação política liberal entre os “prussianos” – designação que, evidentemente, não se pode aplicar a Gervinus, Baumgarten ou Alfred Stern. No quadro apresentado ao fim de seu texto, Bentivoglio confunde (p. 45, coluna referente a Stern) a polêmica entre Treitschke e Baumgarten com a que opusera Treitschke e Mommsen. Sobre os “prussianos”, ainda merece ser consultado o livro de Georg Iggers (1997, p. 120-162).

<sup>27</sup> Carta de 19/01/1884 (JB, p. 93).

<sup>28</sup> Carta de 08/11/1884 a Baumgarten (JB, p. 145).

Quanto aos eruditos, aos literatos, há alguns notáveis em Berlim. Sem falar de Mommsen, de Ranke, de Helmholtz, quase todos os professores da Universidade são pessoas de grande mérito e do mais alto valor, que trabalham pelo trabalho, para fazer avançar a ciência ou para esclarecer os pontos ainda sombrios da história, e não pelo triunfo de suas teorias ou de sua opinião pessoal. Estes corajosos pioneiros do progresso merecem nosso inteiro respeito e nossa admiração mais sincera, pois são os únicos de seu país que não estão cegos pelas falsas ideias de glória nacional, que admitem o valor de todos os povos da terra e que, sob o novo império alemão, seus exércitos, suas conquistas, seu soberano e seu todopoderoso ministro, vêem uma coisa muito maior, ainda mais nobre para eles, mais sublime, porque ela é a única na terra (*ici-bas*) que o Eterno criou à sua imagem: a humanidade (VASILI 1886, p. 236).

Percebe-se que Vasili não estava devidamente atualizado, do contrário teria visto também em Treitschke um duplo historiográfico de Bismarck e percebido que sua elogiosa imagem de uma ciência histórica cosmopolita (a de Mommsen e de Ranke) não mais se adequava à realidade.<sup>29</sup>

Em 1885, Baumgarten publica sua *História de Carlos V*, e logo envia um exemplar ao sobrinho com uma curta dedicatória: "Ao meu querido Max, 21/04/85".<sup>30</sup> Em julho, possivelmente depois de concluir a leitura do livro, Weber, agora com 21 anos, escreve uma longa carta a Baumgarten em que contrapõe sua historiografia à de Treitschke. Sua intenção é, claramente, muito mais a de quem busca estabelecer uma mediação do que a de quem se vê compelido a fazer uma escolha.

É, mais uma vez, revelador que uma historiografia que trata de Carlos V e uma outra, que trata da história contemporânea (*neuste Zeit*), sejam vistas – por questão de princípio – como duas coisas inteiramente distintas, das quais uma seria compreendida como científica e a outra como político-didática. Em todo o caso, revela-se exatamente no fato de se querer separar completamente estes dois lados e de se ver neles coisas totalmente diferentes, que não é sem cometer uma injustiça que se nega àquela forma de historiografia (a de Treitschke) as qualidades da objetividade e da pura investigação científica.<sup>31</sup>

Essa passagem demonstra que o jovem acadêmico não vê no engajamento de Treitschke qualquer impedimento a que se possa falar em cientificidade da história. Para ele, preocupações "político-didáticas" não são incompatíveis com o rigor acadêmico. Com efeito, é possível que poucas coisas tenham perturbado tanto o Weber daqueles dias quanto a necessidade de articular pensamento e ação. Até que ponto ele chegou a formular esta questão de forma clara para si mesmo, permanece uma questão em aberto. Como a maior parte de seus contemporâneos, e a despeito de tudo, a historiografia de

<sup>29</sup> Tentamos desfazer alguns dos mitos correntes sobre a historiografia de Ranke em um pequeno ensaio publicado há pouco (MATA 2010a). Cf. também nossa introdução ao documento historiográfico publicado neste número de *História da Historiografia*.

<sup>30</sup> Exemplar sob guarda do *Max-Weber-Arbeitsstelle* da Academia de Ciências da Baviera, em Munique.

<sup>31</sup> Carta de 14/07/1885 a Baumgarten (JB, p. 175).

Treitschke fazia seus olhos brilharem (mais tarde ele chamará a isso: “carisma”).<sup>32</sup> O preceito da objetividade esbarrava naquilo que ele, por um longo tempo, colocou acima de qualquer outra coisa: a nação.

É preciso ter claro que a objetividade *era* um preceito para Weber. Só não se pode dizer que ela se tornara para ele, naquela fase de sua vida, um preceito absoluto. Mais que na investigação e na exposição do passado, o exemplo de Treitschke o convence de que a objetividade é um requisito fundamental *da cátedra*. Em 1887, de fato, ele escreve a Baumgarten uma carta com ásperas críticas ao historiador berlinense. Wolfgang Mommsen (1990, p. 9), o primeiro a ter a exata noção da importância das afinidades entre estes dois homens, afirma, a respeito desta carta, que Weber rejeitava “enfaticamente” a maneira como Treitschke fundia política e ciência. Isso parece certo, mas só até certo ponto. Mommsen não atenta para o fato de que o jovem estudante faz ressalvas ao professor, não ao historiador – e menos ainda ao escritor: junto com a carta em questão, ele envia ao tio um antigo volume de poemas de Treitschke. Weber diz encontrar “certa alegria” na sua leitura, que conteria “as ideias essenciais (*den wirklich idealen Grundzug*) que nunca se perdem completamente neste homem, em tantos aspectos infeliz, mesmo em seus maiores erros e injustiças”.<sup>33</sup>

### Uma comunidade de destino

Um estudo pormenorizado dos dois primeiros trabalhos de fôlego de Weber (suas teses de doutorado e livre docência), ambos essencialmente históricos, não poderá ser realizado neste artigo. Tratava-se inicialmente de identificar algumas das figuras que marcaram o início da trajetória intelectual daquele “jurista formado numa perspectiva histórica” – expressão que Weber usará mais tarde, em sua sociologia do direito.<sup>34</sup>

Em um certo sentido, a conclusão não poderia ser mais banal: Weber foi, nem mais nem menos que qualquer contemporâneo seu, o resultado dos estilos de pensamento históricos então vigentes. Ao fim de seus estudos universitários, rigorosamente nada permite prever o advento daquele paladino do apuro conceitual, o futuro descobridor das origens religiosas de nossa “civilização do trabalho” e do processo de racionalização ocidental. O jovem jurista que vimos em processo de gestação escreverá seu doutorado sobre o direito comercial medieval sem qualquer preocupação de natureza “teórica”, aliás nem mesmo “conceitual”. Uma carta desta época atesta sua desconfiança em relação aos conceitos, em um espírito que em nada destoa do célebre *Diálogo político* de Ranke. Em março de 1886, pouco tempo antes da conclusão de seus estudos, escreve de Göttingen a seu irmão Alfred a respeito de suas impressões sobre a

---

<sup>32</sup> Na época, Treitschke tentava reaproximar-se ao pai de Weber. Carta de 14/07/1885 a Baumgarten (JB, p. 174).

<sup>33</sup> Carta de 25/04/1887 (JB, p. 232).

<sup>34</sup> Na versão brasileira, *historisch gebildeten Juristen* foi traduzido como “juristas com especialização histórica” (WEBER 1999, p. 132).

*Vida de Jesus* de David Friedrich Strauss, livro que Alfred acabara de ler.<sup>35</sup> Strauss afirmara que a maior parte da Bíblia pouco ou nada tinha de histórico, devendo antes ser entendida como uma sucessão de relatos mitológicos.

Eis Weber, aos 22 anos, percorrendo sobre as relações entre mito e história, um problema que ocuparia algumas das mais importantes cabeças do século XX.

Analisado cuidadosamente, este conceito, na verdade, não quer dizer rigorosamente nada e de forma alguma esclarece a coisa, nem contribui para explicar a conexão de Jesus enquanto personalidade concreta com o Cristo da história, e, em última análise, não é em absoluto aplicável às transformações do espírito e cultura humanos de que tratamos aqui. De fato, o mito se origina numa região completamente diferente do espírito humano que as visões que abalavam os excitados espíritos dos primeiros cristãos. O mito é, por seu próprio conceito, um produto da fantasia poética de um povo artisticamente dotado e que elabora imagens, gradativamente, através de longos períodos de tempo; ali onde está ausente o poder de criação artística o mito não encontra seu chão. Entre os romanos ele está reduzido a uma importância mínima, entre os germanos está limitado por certa rudeza, e entre os judeus, num sentido próprio, ele sequer pode ser encontrado. Mas os primeiros cristãos tinham coisas muito mais importantes a fazer que se dedicar à elaboração poética de suas percepções religiosas da natureza [...]: o que se manifestou aqui foi uma relação exatamente inversa à da criação de mitos (JB, p. 206-208).

## 75

Coloquemos entre parêntesis tudo o que há de taxativo e ingênuo nestas palavras, e limitemo-nos ao essencial: ao fim e ao cabo, para Weber somente os gregos tinham “mitos” no sentido estrito do termo. Um nominalismo terminológico *tipicamente* historicista.

É tudo? Certamente que não. Dois últimos aspectos merecem ser ressaltados, pois é neles que se pode, legitimamente, falar em continuidades na trajetória intelectual de Max Weber.

O que significava a história para ele? A resposta a esta questão não é difícil. Mesmo depois de passar da jurisprudência à economia política e assumir sua primeira cátedra, este autoproclamado “discípulo da escola histórica” (WEBER 1991, p. 71) jamais se afastou de uma forma especificamente genética de abordar os problemas econômicos e sociais. Algo, aliás, que não passou despercebido àqueles que dele eram próximos. Robert Liefmann, que teve o privilégio de ser seu doutorando e de assistir suas primeiras preleções em Freiburg, declarou que Weber era então um “puro historiador” (MWG III/1, p. 165). Else Jaffé afirmou, em uma preciosa entrevista ao pesquisador japonês Hideharu Ando, que os cursos de Weber em Heidelberg eram essencialmente

uma história do desenvolvimento econômico, muito minuciosamente em seus aspectos políticos também. E, claro, história agrária e econômica. Mas não de uma forma demasiado teórica. Sempre acho que se Max viesse a uma preleção de economia política hoje em dia, ele não entenderia absolutamente nada! (*apud* ANDO 2003, p. 598)

---

<sup>35</sup> Sobre a importância das leituras teológicas para o jovem Weber, cf. Mata (2011).

Há, enfim, uma outra continuidade importante. Trata-se da precoce sensibilidade de que Weber foi dotado para perceber a dimensão trágica da vida – a sua e a dos outros. Na ocasião em que envia a Baumgarten o livro de poesias de Treitschke, ele se diz cativado pela “beleza verdadeiramente lírica” de algumas delas; em especial “a intitulada *Krankenträume*, que se refere à sua doença, é realmente comovente”.<sup>36</sup> Treitschke, como se sabe, já na sua juventude era um homem praticamente surdo. Uma das passagens deste poema – composto muito antes de seu autor conquistar um lugar no panteão dos heróis culturais prussianos – fala de sua surdez e da compensação que, imaginava, talvez lhe reservasse o futuro. Estas palavras encerravam algo de premonitório não só para ele, mas também para seu jovem admirador. Em 1897, pouco depois de ser nomeado para Heidelberg, é a vez de Weber ser acometido por uma longa e extenuante crise nervosa. Em 1903, após sucessivos períodos de licença, viagens, estadias em sanatórios e recaídas, ele finalmente abdica da cátedra, aos 39 anos. O que aproximava Treitschke e Weber não era apenas o seu culto à comunidade política; era também, de certa forma, uma comunidade de destino.

*Zum Riesen wuchs der lang bekämpfte Gram,  
und frech und lästernd flucht' ich meinem Gotte:  
[...]  
Du nahst der Welt mit einer Welt von Liebe:  
– Dein Zauber ist das muthig freie Herz –  
Wär's möglich, daß sie dir verschlossen bliebe?  
Nein, hören wirst du, was nicht Einer hört,  
Im Menschenbusen die geheimsten Töne:  
Verstehen wirst du, was den Blick verstört  
Und was die Wangen färbt mit heller Schöne.  
Und schaffen sollst du, wie der Beste schafft:  
Des Muthes Flammentröstung sollst du singen,  
In kranke Herzen singen junge Kraft.  
(TREITSCHKE 1857, p. 100, 102-103)*

A mágoa há muito combatida torna-se um gigante,  
E, ousado e blasfemo, amaldição meu Deus:  
[...]  
Tu te aproximas do mundo com um mundo de amor:  
– Teu poder é o destemido e livre coração –  
Seria possível que o mundo permanecesse fechado para ti?  
Não: ouvirás o que ninguém é capaz de ouvir,  
Os mais secretos ruídos no peito dos homens:  
Compreenderás o que turva a visão  
E tinge as faces com luminosa beleza.  
E deves criar como criam os melhores:  
Deves cantar a inflamada admoestação da coragem,  
E novas forças ao coração enfermo.

---

<sup>36</sup> Carta de 25/04/1887 (JB, p. 233).

O enfoque que empregamos neste artigo foi, talvez, mais biográfico que propriamente historiográfico, mas não é o caso de nos desculparmos por isso. O que é um homem senão suas histórias? (SCHAPP 2005)

Procuramos ter demonstrado a que ponto Max Weber foi profundamente marcado por aquela mesma perspectiva historicista da qual, para muitos, ele teria sido um dos maiores adversários. Importa relativamente pouco que, àquela altura de sua vida, ele não tivesse ainda se decidido entre dois dos ícones da historiografia alemã do XIX: Treitschke e Ranke (aqui também representado, até certo ponto, por seu tio Baumgarten).<sup>37</sup> Depois de passar por Heidelberg, Göttingen e Berlin, estes três templos da ciência histórica oitocentista, depois de ter sido aluno de Erdmannsdörffer, Dove e Knies, depois de gozar de um convívio relativamente próximo com Mommsen, é difícil imaginar que ele abdicasse daquele adjetivo que sempre, sempre, retorna em seus textos: *historisch*. Max Weber começou a tornar-se o Max Weber que conhecemos no berço esplêndido do historicismo alemão.<sup>38</sup>

### Abreviaturas

JB – WEBER, Max. **Jugendbriefe**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1936.

MWG I/1 – **Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter. Schriften 1889-1894**. Hrsg. von Gerhard Dilcher und Susanne Lepsius. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.

MWG III/1 – **Allgemeine ("theoretische") Nationalökonomie**. Hrsg. von Wolfgang J. Mommsen in Zusammenarbeit mit Cristof Judenau, Heino H. Nau, Klaus Scharfen und Marcus Tiefel. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

### Referências bibliográficas

ANDO, Hideharu. Die Interviews mit Else Jaffé, Edgar Salin und Helmuth Plessner über Max Weber. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, v. 55, n. 3, p. 596-610, 2003.

BAUMGARTEN, Hermann. **Treitschke's Deutsche Geschichte**. Strassbourg: Karl J. Trübner, 1883.

BENTIVOGLIO, Julio. Apresentação. In: GERVINUS, Georg. Gottfried. **Fundamentos de teoria da história**. Petrópolis: Vozes, 2010a.

BENTIVOGLIO, Julio. Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift. **Revista de Teoria da História**, v. 1, n. 3, p. 20-58, 2010b.

---

<sup>37</sup> Deixamos proposadamente de lado, aqui, a importância de Burckhardt para Weber, por entender que o tema merecerá aprofundamento em outra ocasião. A respeito, ver Hennis (2003, p. 38-42).

<sup>38</sup> Desnecessário dizer que não partilhamos das opiniões mais difundidas, todas negativas em maior ou menor grau, a respeito do historicismo. Um esforço sistemático de descriminalizá-lo ainda está para ser empreendido. Duas tentativas nesse sentido: Rothacker (1944, p. 264-278) e Mata (2008, p. 49-62).

- BIEFANG, Andreas. Der Streit um Treitschkes “Deutsche Geschichte” 1882/83. **Historische Zeitschrift**, v. 262, p. 391-422, 1996.
- CHOI, Ho-Keun. **Max Weber und der Historismus**. Waltrop: Spenner, 2000.
- COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **Max Weber e a história**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CORNICELIUS, Max (Hrsg.) **Heinrich von Treitschkes Briefe**. Band 3. Leipzig: Hirzel, 1920.
- ELVERT, Jürgen; KRAUB, Susanne (Hrsg.) **Historische Debatten und Kontroversen im 19. und 20. Jahrhundert**. Stuttgart: Franz Steiner, 2003.
- GERHARDS, Thomas. **Heinrich von Treitschke. Zur Rezeptionsgeschichte im 19. und 20. Jahrhundert**. Tese de doutorado, Heinrich-Heine-Universität Düsseldorf, 2009.
- GOTTL, Friedrich. **Die Herrschaft des Wortes**. Jena: Gustav Fischer, 1901.
- HANKE, Edith; HÜBINGER, Gangolf. Handschriftliche Bemerkungen Max Webers zu einem Aufsatz über Rankes politische Theorie und Geschichtsauffassung. In: HANKE, Edith; MOMMSEN, Wolfgang (Hg.) **Max Webers Herrschaftssoziologie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- HAUSRATH, Adolf. The life of Treitschke. In: **Treitschke: his life and works**. London: Allen & Unwin, 1914.
- HENNIS, Wilhelm. **Max Weber und Thukydides**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.
- HIDAS, Zoltán. **Entzauberte Geschichte: Max Weber und die Krise des Historismus**. Erfurt: Universidade de Erfurt, 2001 (tese de doutorado).
- IGGERS, Georg. *Deutsche Geschichtswissenschaft*. Köln: Böhlau, 1997.
- JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. **Geschichte des Historismus**. München: C. H. Beck, 1992.
- KAELBER, Lutz. Max Weber’s dissertation in the context of his early career and life. In: WEBER, Max. **The history of the commercial partnerships in the Middle Ages**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.
- MALITZ, Jürgen. “Auch ein Wort über unser Judentum”. Theodor Mommsen und der Berliner Antisemitismustreit. In: WIESEHÖFER, Josef (Hg.) **Theodor Mommsen. Gelehrter, Politiker, Literat**. Stuttgart: Franz Steiner, 2005.
- MARCKS, Erich. Die Universität Heidelberg im 19. Jahrhundert. In: \_\_\_\_\_. **Männer und Zeiten**. Leipzig: Quelle & Meyer, 1911.
- MARCKS, Erich. Einleitung. In: BAUMGARTEN, Hermann. **Historische und politische Aufsätze und Reden**. Strassburg: Karl J. Trübner, 1894.

- MATA, Sérgio da. Elogio do historicismo. In: ARAÚJO, Valdeir; MATA, Sérgio da; MOLLO, Helena; VARELLA, Flávia (orgs.) **A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2008.
- MATA, Sérgio da. Leopold von Ranke. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.) *A história pensada. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010a.
- MATA, Sérgio da. "O dever-ser é coisa do Diabo"? Sobre o problema da neutralidade axiológica em Max Weber. **Dimensões**, v. 24, p. 262-283, 2010b.
- MATA, Sérgio da. A crítica da teologia como alternativa ao "embuste romântico": notas introdutórias sobre a religião de Max Weber. **Plura – Revista de Estudos de Religião**, v. 2, n. 1, p. 25-48, 2011.
- MAURER, Michael. *Eberhard Gothein (1853-1923). Leben und Werk zwischen Kulturgeschichte und Nationalökonomie*. Köln: Böhlau, 2007.
- METZ, Karl H. Historiography as political activity: Heinrich von Treitschke and the political reconstruction of politics. In: KOSLOWSKI, Peter (ed.) **The discovery of historicity in german idealism and historism**. Berlin: Springer, 2005.
- MOMMSEN, Wolfgang. **Max Weber and german politics 1890-1920**. Chicago: Chicago University Press, 1990.
- OEXLE, Otto Gerhard. **Geschichtswissenschaft im Zeichen des Historismus**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.
- RADKAU, Joachim. **Max Weber. Die Leidenschaft des Denkens**. München: Karl Hanser, 2005.
- RANKE, Leopold von. **Geschichten der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514**. Leipzig: Duncker & Humblot, 1874.
- RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**. São Paulo: Edusp, 2000.
- ROTH, Günther. **Max Webers deutsch-englische Familiengeschichte (1800-1950)**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- ROTHACKER, Erich. **Mensch und Geschichte**. Berlin: Junker und Dünnhaupt, 1944.
- SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- SANCHEZ-BLANCO, Francisco. La "revolución española" y el liberalismo alemán del siglo XIX: Hermann Baumgarten y la historia de España. **Revista de Estudios Políticos**, n. 58, p. 267-280, 1987.
- SCAFF, Lawrence. Weber before Weberian sociology. **The British Journal of Sociology**, v. 35, n. 2, p. 190-215, 1984.

- SCHAPP, Wilhelm. **Envolvido em histórias**: sobre o ser do homem e da coisa. Porto Alegre: safe, 2007.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Zeitgemässe Unzeitgemässe: Von Friedrich Nietzsche über Georg Simmel zu Max Weber. **Revue Internationale de Philosophie**, v. 49, n. 192, p. 107-126, 1995.
- SENEDA, Marcos César. **Max Weber e o problema da evidência e da validade nas ciências empíricas da ação**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.
- TREITSCHKE, Heinrich von. **Studien**. Leipzig: S. Hirzel, 1857.
- VASILI, Comte Paul. **La société de Berlin**. Paris: Nouvelle Revue, 1886.
- WEBER, Marianne. **Max Weber. Ein Lebensbild**. München: Piper, 1989.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UNB, 1999 (vol. 2).
- WEBER, Max. **Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988.
- WEBER, Max. Gutachten zur Werturteilsdiskussion im Ausschuss des Vereins für Sozialpolitik. In: BAUMGARTEN, Eduard (Hg.) **Max Weber. Werk und Person**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1964.
- WEBER, Max. O Estado nacional e a política econômica. In: COHN, Gabriel (org.) **Weber**. São Paulo: Ática, 1991.